

A presença de Maquiavel em revistas e suplementos literários brasileiros da segunda metade do século xx

ELIZIANE MARA DE SOUZA¹

Che Machiavelli abbia dato lezione di libertà ai popoli, o di tirannia ai principi, che abbia continuato la tradizione del pensiero antico o fondato la scienza moderna, il conferenziere di una sera, che non abbia consacrato la vita intera a Machiavelli e ai suoi posteri, legittimi e illegittimi, non potrà risolvere nessuna delle innumerevoli dispute che l'erudizione, più che rinnovare, mantiene vive.

Raymond Aron, *Machiavelli e Marx*.

O sociólogo francês Raymond Aron, após ressaltar a angústia surgida ao escrever-se o nome de Maquiavel numa folha em branco - pois muitos já propuseram-se a “interrogare la sfinge”⁻², afirma tratar-se de uma obra misteriosa, sendo necessária uma escolha interpretativa ao tratar do florentino. Escolha inclusive já feita antes por vários estudiosos e descrita na epígrafe do artigo. Assim, este texto objetiva apresentar algumas dessas escolhas quanto à forma de recepção da obra de Maquiavel por parte da imprensa brasileira durante a segunda metade do século XX, a partir da análise de algumas revistas literárias/culturais e suplementos literários de jornais brasileiros publicados entre 1950 e 2000.

A partir deste acervo³ efetuou-se um cruzamento entre os dados existentes no material pesquisado, tais como citações de escritos e do nome de Maquiavel; política editorial da revista; autor do artigo e aspectos da trajetória e da produção do autor florentino apontados por críticos e historiadores como Newton Bignotto⁴ e Asor Rosa⁵. Por meio deste cruzamento é possível

1 Doutoranda em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista da Capes sob orientação da professora Andréia Guerini. Atualmente dedica-se à tradução do epistolário de Niccolò Machiavelli para o português.

2 Raymond Aron, *Machiavelli e Marx*. Niccolò Machiavelli. Il principe. Milão: Rizzoli Libri, 2007. p. 5.

3 Foram pesquisados os seguintes periódicos: *Almanaque*: cadernos de literatura e ensaio, *Anhembí* (Anhembí), *Arte em revista* (Centro de Arte Contemporânea), *Bravo! (D'Ávila)*, *Cult - Revista brasileira de literatura* (Lemos), *Cultura* (MEC), *Folhetim (Folha de S. Paulo)*, *José - Literatura, crítica e arte* (Fontana), *Leia* (Leia Livros), *Letras (Folha de S. Paulo)*, *Mais! (Folha de S. Paulo)*, *Novos estudos CEBRAP* (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), *Oitenta* (L&PM Editores), *Opinião* (Inúbia), revista *Civilização brasileira* (Civilização Brasileira), revista *Cultura Vozes* (Vozes), *Revista USP* (Edusp), *Tempo brasileiro* (Tempo Brasileiro), *Versus* (Versus).

4 Newton Bignotto. *Maquiavel*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

5 Alberto Asor Rosa. *Storia europea della letteratura italiana*. Turim: Einaudi, 2009.

verificar, por exemplo, elementos da vida e da obra deste escritor mais estudados pela crítica; variações na grafia de seu nome e terminologia usada; as obras mais citadas; e, principalmente, a linha interpretativa predominante, já que a imagem de Maquiavel muitas vezes encontra-se associada de maneira equivocada a um perfil “diabólico”.

Alguns resultados da pesquisa

Após breve investigação no banco de dados do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (Nelic) da Universidade Federal de Santa Catarina, foram encontrados 21 tipos de periódicos contendo o nome Maquiavel (citado como *Maquiavel*, *Machiavelli*, *Machiavel*, *Machiavegli*) ou o nome de alguns de seus livros, como *O príncipe*, *A mandrágora*, *Belfagor*, entre outros⁶.

A pesquisa constatou que o *capolavoro* de Maquiavel, *O príncipe*, foi o livro mais citado, principalmente em textos políticos dos suplementos e revistas. Em segundo lugar, mas ainda em menor número, figura a comédia *A mandrágora*, citada comumente em textos sobre teatro e exaltada como exemplo da mais alta comédia da literatura⁷. Nesse sentido, Luigi Federzoni considera Maquiavel um “narrador de enorme valor”⁸, enquanto o cientista social italiano Antonio Negri afirma que *A mandrágora* é “uma das mais belas comédias da Renascença; comédia em que o modelo clássico, plautino ou terenciano era rompido pela violência de uma linguagem (o toscano) fortemente dialetizada, pela explosão de um erotismo desenfreado e por um feroz anticlericalismo”⁹.

No suplemento do jornal *Opinião*, de 11 de abril de 1975, há um texto de Fernando Peixoto sobre o teatro popular, denominado *Boal e os oprimidos*, em que são mencionadas montagens da peça *A mandrágora* no país (como em 1962, no teatro Arena de São Paulo). Nesse mesmo jornal aparece a seguinte propaganda da peça: “A Mandrágora: Comédia de Maquiavel”, a ser encenada em breve no teatro Casa Grande, com direção de Paulo José, e Dina Sfat como Lucrecia¹⁰. Além de serem mencionadas encenações d’*A mandrágora*, são citadas outras notícias sobre Maquiavel, como a encenação d’*O príncipe* na França e a proibição do teatro maquiaveliano durante o regime de Salazar em Portugal¹¹.

Outra obra de cunho político, *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, seria a terceira mais citada. Na sequência, aparecem menções às cartas de Maquiavel e a novela *Belfagor*, fábula sobre um arquidiabo chegado à Terra para casar-se, assim confirmando ou não a hipótese de que o casamento seria pior que o inferno.

Por fim, foram ainda mencionados: o poema *Asno de ouro*, a obra *História de Florença*, e seleções de textos maquiavelianos impressos no Brasil, como *Escritos políticos*: coleção dos principais textos políticos, publicada atualmente pela *Martin Claret*.

Como vimos, outro aspecto presente nos periódicos refere-se à biografia do autor. Observou-se que o nome de Maquiavel aparece recorrentemente em artigos de filósofos e críticos como Marilena Chauí, Renato Janine Ribeiro, Otto Maria Carpeaux, Newton Bignotto, entre outros.

6 Teve-se acesso a maior parte desses periódicos. Apenas duas revistas não encontravam-se fisicamente no acervo e o suplemento de jornal *Letras e artes* foi consultado em microfilme.

7 Jefferson Del Rios. ‘O teatro segundo os livros’ In: *Bravo!*, n. 13. São Paulo, out. 1998. p. 142.

8 Luigi Federzoni. ‘A universalidade de Boccaccio’ In: *Anhembí*, vol. 5, n. 13. São Paulo, dez. 1951. p. 41.

9 Antonio Negri. ‘As desconstruções de Dario Fo’ In: *Folha de São Paulo, Mais!*, n. 307. São Paulo, 28 dez. 1997. p. 14.

10 Fernando Peixoto. ‘Boal y los oprimidos’ In: *Opinião*, n. 127. Rio de Janeiro, 11 abr. 1975. p. 23.

11 Mário Steiner. ‘Por onde ia Portugal’. *Opinião*, n. 131. Rio de Janeiro, 9 mai. 1975. p. 20.

Além de aludirem diretamente a Maquiavel e seus escritos, esses intelectuais usam o nome do escritor florentino ao referirem-se a outros autores, como Isaiah Berlin, Claude Leffort, Antonio Gramsci e Johann Fichte. Isso provavelmente ocorre em virtude da maioria dos textos dos autores citados apresentar um cunho político, também por Maquiavel ser inegavelmente muito importante para o pensamento político ocidental, e pelo fato de muitos terem escrito obras sobre o seu pensamento.

Verificou-se também que predominam as informações de aspectos sobre a vida de Maquiavel¹², sua ligação com a Itália, particularmente com Florença¹³, bem como junto ao movimento intelectual renascentista¹⁴. Conforme Jean Chevallier: “Maquiavel - o nome próprio universalmente conhecido [...] evoca uma época, a Renascença; uma nação, a Itália; uma cidade, Florença; e enfim, o próprio homem, o bom funcionário florentino”¹⁵.

Curiosidades

Um dado interessante é a variação de grafia em relação ao nome do escritor florentino: *Machiavel*, *Maquiavel*, *Machiavelli*, *Machiavegli*. O uso do nome Maquiavel predominou, mas também apareceu a grafia italiana Machiavelli, por exemplo, quando foi publicado na revista *Novos estudos*¹⁶ um texto do historiador inglês Perry Anderson, intitulado “Afinidades de Norberto Bobbio”. Tal fato não surpreende, pois textos em língua inglesa geralmente usam o nome Machiavelli e talvez por isso a tradutora Heloisa Jahn manteve a grafia original. Esta grafia também apareceu ao citar-se a obra de Gramsci “Notte sul Machiavelli sulla politica e sullo stato moderno”. O nome Machiavegli só apareceu num artigo da revista *Cult* sobre Florença, relacionando a cidade toscana aos domínios da família do escritor florentino¹⁷.

O nome próprio Maquiavel também figura como metonímia, figura de linguagem por meio da qual se toma um termo por outro, em virtude de existir uma relação de semelhança ou possibilidade entre eles. Assim, de autoria da redação da revista *Anhembi* de 11 de março de 1951, no texto “A última oportunidade”, sobre a decisão da ONU de condenar alguns países asiáticos por conflitos naquela região, lê-se: “Pensou agora, portanto, algum Maquiavel moscovita que uma agremiação colocada na ‘terceira posição’ [...] teria o êxito que o ‘movimento pró-Paz’ não alcançou”¹⁸. Não fica claro no texto o sentido do emprego do nome Maquiavel, embora aqui pareça chamar-se um moscovita de esperto ou defensor do comunismo, tendo em vista que em vários momentos da história convencionou-se associar Maquiavel a alguém astuto, bem como ligar suas ideias a regimes totalitários, de um modo antimachiavelista¹⁹.

12 Como o artigo de José Ferreira para a revista *Cult*, que fala sobre uma possível ligação entre Maquiavel e Leonardo Da Vinci. José Guilherme R. Ferreira. “Maquinações florentinas” In: *Cult*, n. 27. São Paulo, out. 1999. p. 35-39.

13 Como na resenha feita por Bignotto ao livro de Maquiavel *História de Florença*, na *Revista USP*. Newton Bignotto. “Maquiavel historiador” In: *Revista USP*, n. 29. São Paulo, mar./abr./mai. 1996. p. 182-188.

14 Maquiavel é considerado um dos “gênios” da Renascença, conforme Antonio Lázaro de Almeida Prado. “Alguns traços psicológicos do povo italiano”. In: *Anhembi*, vol. 9, n. 25. São Paulo, dez. 1952. p. 43.

15 Jean J. Chevallier. *As grandes obras políticas: de Maquiavel a nossos dias*. Trad. Lydia Christina. 3a. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982. p. 17.

16 Perry Anderson. “As afinidades de Norberto Bobbio” In: *Novos estudos*, vol. 24, n. 24. São Paulo, jul. 1989. p. 14-41.

17 José Guilherme R. Ferreira. *Op. cit.*

18 Idem. p. 121.

19 Os antimachiavelistas propunham que Maquiavel via “o poder como um fim em si mesmo”. Assim, o governante não deveria depender de nada além do firme desejo de subjugar, conquistar, e a capacidade de mantê-lo para assim ser legitimado. Newton Bignotto. *Op. cit.*, 2003. p. 30.

Ainda sobre terminologia, observou-se a utilização dos vocábulos derivados do nome próprio Maquiavel: os adjetivos *maquiaveliano* e *maquiavélico* e o substantivo *maquiavelismo*, bem como o aparecimento de outro termo: *maquiavelista*, como sinônimo de maquiavélico ou de discípulo de Maquiavel. Houve um predomínio do termo maquiavelismo²⁰, seguido pelo termo maquiavélico, aparecendo pouquíssimo os termos maquiaveliano e maquiavelista. O termo maquiaveliano é considerado por Sandra Bagno um “antídoto semântico-cultural”²¹ ante uma família de acepções populares e registradas no dicionário, que deveriam necessariamente passar por uma redefinição.

Conforme Bagno²², os termos maquiavelismo, como um sistema político idealizado por Maquiavel em que “os fins justificam os meios” (embora o escritor florentino nunca tenha escrito esta frase), baseado no ardis, na astúcia e no oportunismo, e maquiavélico, como pessoa astuta e de má-fé, registrados nos dicionários, ligam-se a uma visão negativa, por vezes pejorativa do autor florentino.

A imagem de Maquiavel

Um terceiro elemento presente nos periódicos concerne à imagem do escritor florentino e de sua obra. Sinteticamente, Alessandro Pinzani identificou duas linhas principais de interpretação. A primeira delas é a da obra como algo diabólico, no sentido religioso ou metafórico. Vários fatos como a entrada d’*O príncipe* no *Index*, a queima da efígie de Maquiavel promovida pela Igreja Católica e os libelos antimachiavel de Gentillet e do rei da Prússia Frederico II relacionam-se ao desenvolvimento de uma imagem pejorativa e negativa²³. Uma segunda linha de interpretação considera o escritor “um gênio incomparável e inovador, pioneiro no reconhecimento das verdadeiras leis da política”²⁴. Assim, Maquiavel ora aparece como teórico da razão do Estado²⁵ e do realismo na política, ora como pensador republicano²⁶.

Como forma de exemplificar a primeira linha de interpretação, cumpre mencionar os seguintes trechos encontrados. Primeiramente na revista *Tempo brasileiro*: “Ricardo III é o próprio diabo em pessoa e discípulo brilhante de Maquiavel: liquida 18 pessoas, mas pela própria estrutura da peça e pelo seu comportamento fascinante e sedutor, ele tem todos os espectadores do seu lado”²⁷. Já em um trecho escrito por Roberto Romano²⁸, no suplemento *Folhetim*, lê-se que “as feras se reúnem na trilha de Platão e Maquiavel”. Por sua vez, lê-se no suplemento *Mais!*: “Thomas Cronwell é personagem interessantíssimo. De seus inimigos o Cardeal Reginald De La Pole acusou-o de recomendar a leitura de Maquiavel, o autor demoníaco por excelência”²⁹.

20 Cumpre lembrar que o sufixo “ismo” dá uma ideia de algo negativo, advindo do grego “ismós”, designando um conjunto de crenças ou doutrinas de um determinado grupo. Tem ainda, em medicina, uma conotação patológica, significando um problema, uma disfunção.

21 Sandra Bagno. “Maquiavélico” versus “maquiaveliano” na língua e nos dicionários’ In: *Cadernos de tradução*, n. 22. Florianópolis, 2008. p. 129-150.

22 Idem. p. 133.

23 Alessandro Pinzani. *Maquiavel & O príncipe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 49.

24 Idem.

25 Sobre Maquiavel e o racionalismo do Estado discorre Foucault no artigo “*Omnes et singulatim*”: por uma crítica da ‘Razão Política’” In: *Novos estudos*, n. 26. São Paulo, mar. 1990. p. 77-99.

26 Bignotto defende a tese do republicanismo, advinda de uma interpretação de toda a obra e da análise dos *Discursos*. A preferência de Maquiavel não o impede, assim, de ser realista, de ver quando um regime pode florescer e quando em um determinado contexto seria utópico defendê-lo. Newton Bignotto. *Op. cit.*, 2003.

27 Flavio R. Kothe. ‘A dialética em pascal’ In: *Tempo brasileiro*, n. 67. Rio de Janeiro, set./dez. 1981. p. 6.

28 Roberto Romano. ‘Massa, poder e morte’ In: *Folha de S. Paulo, Folhetim*, n. 455. São Paulo, 13 out. 1985. p. 9.

29 Renato Janine Ribeiro. ‘O historiador da Inglaterra de Henrique 8º’ In: *Folha de São Paulo, Mais!*. São Paulo, 5 fev. 1995. p. 12.

Por outro lado, têm-se também autores que ressaltam o valor de Maquiavel e o talento de seus escritos, aproximando-se da segunda linha de interpretação proposta por Pinzani. Neste sentido, Maquiavel surge em um artigo de Otto Carpeaux na revista *Civilização brasileira*³⁰, não como “um professor de violências e fraudes”, mas um “sereno e frio observador das realidades políticas”³¹, embora mais adiante o crítico mencione que os fascistas associavam *O príncipe* ao *Duce*. Assim, “em Maquiavel a política é emancipada da religião e da convenção moral, sendo por isso considerada autônoma”³². O filósofo Renato Janine Ribeiro³³, ao comentar a leitura “especialmente rica” de Maquiavel feita pelo filósofo político britânico Isaiah Berlin, escreve no suplemento *Mais!*: “Longe de ser um pensador amoral, Maquiavel rompeu apenas com a ética cristã e mostrou que poderia haver uma ética ‘pagã’, e da ‘virtù’, aquela que deveria ser seguida pelo *Príncipe*”. Por fim, Azevedo no mesmo *Mais!*, ressalta o realismo de Maquiavel: “Dante Alighieri (1265-1321) emprestou as glórias e os pesadelos com os quais a Itália sonhou. Os olhos com que acordou lhe foram dados por Maquiavel (1469-1527)”³⁴.

De modo geral, identificou-se ao longo da pesquisa nos suplementos e revistas a associação de Maquiavel e de *O príncipe* a tiranos, como a menção supracitada de Carpeaux, ligando *O príncipe* tanto ao *Duce*, como a regimes democráticos. Assim, ao falar de Gramsci, escreve Sérgio Rouanet no suplemento *Mais!*: “Os intelectuais estariam a serviço de um Príncipe com a diferença que ele não seria nem um déspota, como no tempo de Maquiavel, nem um partido totalitário, mas sim um sistema democrático global”³⁵. E Alain Grosrichard, em *Almanaque*, ao tratar de despotismo, afirma que “O Príncipe de Maquiavel é insuperável”³⁶.

Conclusão

Após tais considerações, a título de observação final, é válido expressar que, ao pesquisador preocupado com Maquiavel, resta “acordar”, olhar a sua obra em si, em sua totalidade, tomada em conjunto dentro de um contexto, sem assumir apressadamente uma ou outra posição. Apesar do aparente ceticismo de Raymond Aron³⁷ ao afirmar que não são possíveis novas leituras interpretativas de Maquiavel, mas tão somente ajustar-se a uma ou outra família de interpretação pré-estabelecida, considera-se a produção de Maquiavel uma obra viva, como um *working in progress*, dados os inúmeros artigos, ensaios e comentários. Daí a importância de estudar-se a sua recepção, desmitificar preconceitos e procurar sanar lacunas, com estudos e traduções de textos que ainda não mereceram a devida atenção, como os literários e as cartas.

30 Segundo um editorial, a revista *Civilização brasileira* tinha por escopo contribuir para a “formação de uma cultura autenticamente brasileira”, interpretando o mundo com base em “realidades fundamentais”, adotando um “humanismo contemporâneo, ausência de subvenções e uma postura não culturalmente fechada, aceitando colaborações de todas as expressões de pensamento. ‘Dois anos de RCB. [Editorial]’ In: *Revista Civilização brasileira*, n. 13. Rio de Janeiro, mai. 1967. p. 3-4.

31 Foram encontrados vários artigos de Carpeaux. Isso em parte explica-se em razão de sua transferência ao Brasil e da sua busca por fazer parte do jornalismo brasileiro. Otto Maria Carpeaux. ‘Vamos encarar a realidade’. In: *Civilização brasileira*, n. 14, ano 3. Rio de Janeiro, jul. 1967. p. 76.

32 Sylvia Colombo. ‘Peter Burke e o renascimento multicultural’ In: *Folha de São Paulo, Mais!*. São Paulo, 19 dez. 1999. p. 11.

33 Renato Janine Ribeiro. *Folha de São Paulo, Mais!*. São Paulo, 30 jun. 1996. p. 8.

34 Reinaldo Azevedo. ‘Poder e cultura de braços dados’ In: *Folha de São Paulo, Mais!*. São Paulo, 21 fev. 1993. p.11.

35 Sérgio Paulo Rouanet. ‘A democracia cosmopolita’ In: *Folha de São Paulo, Mais!*. São Paulo, nov. 1999. p. 7.

36 Alain Grosrichard. ‘Montesquieu e o espectro do despotismo’ In: *Almanaque – Cadernos de literatura e ensaio*, n. 9. São Paulo, 1979. p. 63.

37 Raymond Aron. *Op. cit.*